

O PROJECTO DO CAMPO ARQUEOLÓGICO  
DA SERRA DA ABOBOREIRA  
(NORTE DE PORTUGAL) :  
RESULTADOS DE OITO ANOS DE TRABALHO

Por Vítor Oliveira Jorge \*

**0. Uma região e o projecto do seu estudo arqueológico**

A arqueologia das *estações*, depois da arqueologia dos *objectos*, está hoje ultrapassada. O homem do passado não se limitou a ocupar sítios, mas utilizou todo o espaço envolvente, que condicionou a sua acção, mas que também foi espelhando, com o tempo, o resultado desta. É pois sobre regiões inteiras, tanto quanto possível homogéneas, que devemos debruçar-nos, por forma a estudar a evolução do seu povoamento. Só assim — muito para além de uma simples carta arqueológica ou do somatório dos resultados de diversas escavações — poderemos entender a lógica daquela evolução. Porém, o estudo da antropização da paisagem implica o recurso a ciências e técnicas que transcendem o tradicional «*métier*» arqueológico. Para compreendermos o «diálogo» que o homem foi travando com a natureza envolvente, precisamos de conhecer quais as suas características em cada momento. Precisamos de nos abrir ao diálogo com geólogos, geógrafos, pedólogos, palinólogos, antracologistas, botânicos... A arqueologia da erudição «humanística», da exaustiva comparação de objectos cerâmicos<sup>^</sup> líticos, ou metálicos, por forma a determinar-lhes as afinidades e

---

\* Instituto de Arqueologia — Faculdade de Letras do Porto.

filiações estilísticas, deve dar lugar a uma ciência nova, cada vez mais exigente no trabalho de campo e de laboratório, porque cada vez mais consciente da problemática transdisciplinar que lhe está subjacente. Essa problemática é, em última análise, de natureza antropológica. Estamos fatigados de construções abstractas (no sentido negativo deste termo), como são tantas das «culturas» de que falam por vezes os arqueólogos, de discussões estéreis em torno de difusionismos e de convergências, de especulações sobre o significado de certas estações ou sobre a maior ou menor precocidade de determinados fenómenos, construções essas muitas vezes baseadas em escavações parciais, numa deficiente informação sobre o meio ambiente, e numa certa ingenuidade interpretativa que resulta da falta de formação da maior parte dos arqueólogos no domínio das ciências sociológicas. A superação destas carências não é possível de um momento para o outro, mas *só será possível a partir do momento em que elas sejam compreendidas em toda a sua extensão*. O amadurecimento da Pré-história e da Arqueologia como ciências depende de uma nova tomada de posição por parte dos arqueólogos, exige que estes abandonem o seu afã de escavar cada vez mais, à procura da descoberta que os celebrizará, para reflectirem sobre os fundamentos, os métodos e os objectivos da sua acção. Acção que só será frutuosa se integrada em *projectos* plurianuais, realizados por uma equipa interdisciplinar.

Não vamos apresentar o projecto em que trabalhamos há oito anos, juntamente com outros colegas da cidade do Porto, como um modelo dessa nova atitude. As dificuldades têm sido muitas, desde o plano financeiro, ao das infra-estruturas de trabalho, ao de certa incompreensão das autoridades e dos responsáveis pela Arqueologia no nosso país, à própria inexistência de especialistas e de laboratórios que nos possam dar o devido apoio em todos os domínios. Mas é um facto indesmentível que o projecto do Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira, encetado em 1978, tem vindo a dar passos seguros no sentido de uma nova arqueologia em Portugal, quanto mais não seja pela importância que dá a estes 3 vectores: concentração de esforços de diversas equipas numa mesma região; integração de jovens arqueólogos na dinâmica de um projecto com objectivos bem definidos; procura de colaboração permanente com cientistas de outros domínios. São os primeiros resultados desse trabalho que aqui sintetizamos.

A área-matriz do projecto do CAS.A., e da qual este deriva o seu nome, é a chamada Serra da Aboboreira, vasto «plateau» granítico existente a oeste da Serra do Marão, no qual confluem os concelhos de Amarante, Baião e Marco de Canaveses, na extremidade oriental do distrito do Porto (Norte de Portugal). De orientação aproximada Nordeste-Sudoeste, é limitada, «grosso modo», pelo rio Fornelo, a Nordeste, pelo rio Ovil, a Este, Sudeste e Sul, e por uma escarpa de falha (paralela ao rio Ovelha), a Noroeste e Oeste. Ocupa uma superfície aproximadamente rectangular, com cerca de 14 por 7 km. de extensão, convencionalmente delimitada pela curva de nível de 400 m.

Tendo começado pelo estudo dos monumentos megalíticos que se espalham, sobretudo, pelas chãs mais elevadas da «Serra» (nomeadamente acima dos 700 m. de altitude absoluta), o projecto estendeu-se depois a toda a bacia do rio Ovil, afluente da margem direita do Douro, e aos seus planaltos contíguos, o da Aboboreira, a noroeste (já referido), e o de Chã das Arcas — Castelo — Água Férrea, a sudeste. Trata-se de uma área que tem o Douro como limite meridional, e o rio Teixeira como seu extremo sudeste. Aproximadamente ao seu centro fica a actual sede do concelho de Baião, a antiga localidade de Campeio, onde está instalada a base logística do Campo e das várias equipas que nele operam. Através da prospeção sistemática, de escavações em estações seleccionadas, e de estudos paleo-ambientais, pretende-se, de acordo com os princípios atrás enunciados, esclarecer como se processou, desde o Neolítico até à Idade Média, o povoamento desta área do Entre-Douro-e-Minho; ou, por outras palavras, como é que a actividade agrícola-pastoril foi transformando o meio, desde o aparecimento da mesma até à constituição da paisagem rural histórica. Paisagem que, em grande medida, ainda hoje se mantém intocável pela industrialização, dado o atraso económico em que a região se encontra.

### **1. Os construtores de «megálitos»**

Do período paleolítico, apenas há referências a duvidosas peças encontradas na área norte da Aboboreira, nas imediações de Carvalho de Rei. Assim, os primeiros ocupantes da região de que temos testemunho claro são construtores de monumentos

funerários com «tumulus» (mamoas), contendo normalmente um dólmen de pequenas dimensões. Cronologicamente, e de acordo com as datas disponíveis, situam-se nos últimos séculos do IV<sup>o</sup> milénio a.C., ou na charneira deste para o III<sup>o</sup> milénio (Neolítico médio-final). Há porém que acentuar o polimorfismo das construções, tanto ao nível das mamoas (habitualmente constituídas por uma acumulação de terra humosa, revestida por uma «couraça» de pedras imbricadas), como das suas estruturas internas. Existem *dólmens de câmara fechada*, tanto de exígua (Cabritos 1, Cabritos 3, por ex.) como de pequena (Outeiro de Gregos 2 e 3) dimensão, ou de *câmara aberta*, quer de grande (Outeiro de Ante 1, por ex.), quer de pequena altura (Outeiro de Ante 2). Um caso extremo de contraste arquitectónico é o dos dois monumentos, contíguos e aproximadamente contemporâneos (c. de 3.000 a.C), de Chã de Santinhos, pois que enquanto a mamoa 1 apresentava um dólmen sem corredor, a mamoa 2 revestia uma estrutura de pedras acumuladas que, por sua vez, selava um «poço» central, no qual se implantava uma grande laje de tipo «esteio», mas que nada tinha a ver com uma câmara megalítica<sup>1</sup>.

As mamoas concentram-se, como dissemos, nas chãs mais elevadas, tanto da Aboboreira, onde são conhecidas algumas dezenas (7 entre 400 e 700 m., mais de 30 acima dos 700 m.), como do «pia-teau» fronteiro, de Chã de Arcas—Castelo de Matos—etc. (c. de 9, 7 das quais situadas acima dos 700 m, e as restantes abaixo desta cota — mas é natural que esta área, menos prospectada, venha a revelar muito mais monumentos). Agrupam-se em regra em núcleos, que podem conter até 5 monumentos; mas é de notar que alguns desses «tumuli» devem ser muito tardios. São conhecidas mamoas em posição de relativo isolamento.

Os respectivos habitais são desconhecidos, mas é natural que tenham tido características relativamente frágeis e precárias, talvez em relação com uma agricultura «cíclica». Tudo indica que os locais habitados se situassem na proximidade dos túmulos<sup>2</sup>, podendo estes marcar territórios ou «áreas de exploração» que não tinham de se confinar obrigatoriamente aos planaltos, dada a

---

<sup>1</sup> V. V. O, Jorge. Les tumulus de Chã de Santinhos (ensemble mégalithique de Serra da Aboboreira, Nord du Portugal), *Arqueologia*, 12, Dez. 1985.

<sup>2</sup> F., entre outros trabalhos, V. O. Jorge, Megalitismo do Norte de Portugal: um novo balanço, *Portugalia*, n.s., vol. IV/V, 1983/84.

facilidade de acesso às zonas de vale, onde se poderia, por exemplo, caçar ou pescar. A maior parte das mamoaas situa-se junto a linhas de água, particularmente na proximidade da respectiva nascente, o que pode traduzir a importância que essas áreas alagadas (com água potável, terreno agricultável, ou melhor pasto), teriam para os homens do Neolítico, tanto no plano da apropriação material, como simbólica, do espaço. A sua economia era sem dúvida «mista», conjugando a cultura dos cereais com a pastorícia.

Por enquanto, é-nos impossível traçar a evolução arquitectónica dos monumentos funerários durante a 2.<sup>a</sup> metade do IV<sup>o</sup> e o III<sup>o</sup> milénios a. C. Nada indica que ela tenha sido linear, no sentido do simples para o complexo, mas é antes bem possível que um eventual processo de engrandecimento das arquitecturas se tenha conjugado com a continuidade da construção de monumentos mais pequenos, em épocas recentes, adentro do período referido. Também não estamos por ora em condições de articular tipos arquitectónicos com espólios em posição primária, que nos dessem uma indicação de como evoluiu o fenómeno, tanto localmente como em relação com outras regiões da Península. Tudo o que podemos dizer é que somente é conhecido, na área, um dólmen de corredor, o de Chã de Parada 1, com características «clássicas», isto é, com câmara e corredor bem diferenciados; este último apresenta apenas, actualmente, 3,70 m. de comprimento, mas é provável que inicialmente tenha sido mais longo. Esta e outras características estruturais, bem como a respectiva datação, terão de ser esclarecidas por uma escavação; mas, se atendermos às datas pelo C14 de grandes dólmenes beirões, com corredor (fins do IV<sup>o</sup>, inícios do III<sup>o</sup> milénios a.C.) é possível que a cronologia deste monumento se não diferencie muito da dos pequenos dólmenes já datados na Aboboreira. Seja como for, trata-se de uma questão em aberto. Interessante será fazer notar que o núcleo de Chã de Parada, em que existem, pelo menos, mais dois monumentos, é o único que, até agora, revelou arte parietal, constituída por gravuras (dólmen referido) e pinturas (Chã de Parada 3). Essas manifestações artísticas são elementos significativos da arte dolménica do Ocidente peninsular: figuração indefinida («the thing», para E. Shee), com paralelos em monumentos galegos, de um motivo do tipo designado «face oculada» e de uma forma radiada (esteliforme) em Chã de Parada 1, círculos concêntricos (entre outros, ainda em estudo) em Chã de Parada 3.

O material arqueológico até hoje revelado pelas escavações megalíticas da Aboboreira, em geral pobre e escasso, não deixa de apresentar alguns aspectos paradoxais. Por um lado, no que toca aos utensílios líticos, é de notar a ausência de pontas de seta, no entanto abundantes noutros monumentos do Norte do país, com particular destaque para a mamoa de Chafé (Viana do Castelo), recentemente escavada por Eduardo Jorge L. da Silva, que nela encontrou uma rica colecção de várias dezenas desses artefactos. Apenas ocorrem micrólitos geométricos (além, evidentemente, de muitos outros instrumentos de menor significado como «marcadores» culturais), geralmente trapézios e crescentes. Como é sabido, este tipo de objectos é frequente nos túmulos megalíticos do Sul e Centro de Portugal, surgindo também em grutas artificiais» e sendo, pelo contrário, muito raro nos monumentos de falsa cúpula. Nos povoados fortificados do Calcolítico, como V.N. de S. Pedro ou Zambujal, o seu aparecimento é esporádico<sup>3</sup>. Adentro do megalitismo, são tradicionalmente considerados como elementos arcaizantes, mas é de notar que surgem entre o espólio de monumentos de grandes dimensões, e que as suas características tipológicas são em geral bem diferentes das dos micrólitos mesolíticos.

O quadro de certo conservadorismo e até regionalismo que os dólmenes escavados na Aboboreira parecem sugerir é todavia contrastado pelo aparecimento de certas matérias-primas que testemunham «contactos» mais alargados. Para já não falar da eventual ocorrência de obsidiana (?) na Mamoa da Mina do Simão (cuja caracterização científica está ainda, dependente do resultado de análises em curso), podemos referir a presença de contas de colar de azeviche e de variscite; esta última matéria-prima foi detectada em Outeiro de Ante 2 e em Outeiro de Gregos 2.

Por outro lado, no «tumulus» de Outeiro de Ante 2 ocorreu, «in situ», um objecto de cerâmica (intensamente cozida), em forma de «cogumelo» ou de «rolha de garrafa», que tem paralelos, por exemplo, nas grutas artificiais de Palmeia, na Estremadura portuguesa. No Calcolítico final-Bronze inicial (já, pois, nos inícios do II<sup>o</sup> milénio), devemos situar os fragmentos de vasos campaniformes encontrados na pequena câmara de Outeiro de Ante 2, bem

---

<sup>3</sup> Cf., por ex., G. Gallay e outros, *O Monumento Pré-histórico de PaiMogo*, Lisboa, Assoe, dos Arqueól. Portug., 1973, p. 43.

como na zona violada da mamoa 1 da Cruz de Ferro, mamoa esta que parece conter uma cista megalítica (ainda em curso de escavação por Domingos Cruz). No Tapado da Caldeira, nas faldas da Aboboreira, foram também exumados fragmentos desta cerâmica, possivelmente pertencentes a vestígios de um habitat. Em geral, estas cerâmicas, que vêm enriquecer o panorama do campaniforme do Norte do país (até há pouco tempo muito mal esclarecido)<sup>4</sup>, apresentam diversos «estilos», que vão desde o «marítimo clássico» até ao inciso de tipo Ciempozuelos, passando pelo «pontilhado geométrico» e por variantes de carácter mais regional.

Assim, na Aboboreira, os monumentos «megalíticos» deverão ter continuado a ser construídos e/ou utilizados durante todo o III<sup>o</sup> milénio, bem como posteriormente. Os vestígios de habitat com campaniforme na periferia do «plateau», no Tapado da Caldeira, como leferimos, levam-nos a colocar uma hipótese, que não passa, por ora, de mera conjectura. Será que é por alturas dos inícios do II<sup>o</sup> milénio que devemos situar uma primeira «descida» dos habitais dos planaltos para os vales, com dissociação mais acentuada de (novas) zonas agricultadas e de áreas (tradicionais) de pastoreio, estas últimas localizadas nas zonas superiores dos montes?...

A escavação dos megálitos da Aboboreira, para além de constituir o primeiro trabalho sistemático deste género numa necrópole do Noroeste peninsular — e sistemático não só no que toca à pesquisa de campo, como à respectiva publicação dos resultados — revelou também o interesse de um elemento que até agora não tinha merecido a devida atenção por parte dos especialistas peninsulares. Referimo-nos aos dados paleo-ambientais e culturais que se encontram conservados nos solos antigos existentes sob os monumentos, e que há que valorizar com o auxílio de diversas disciplinas. O estudo antracológico mostrou a sistemática presença, no topo desses solos, de carvões de folhosas, nomeadamente de «*Quercus*» de várias espécies<sup>5</sup>, que parecem revelar uma paisagem mais arborizada na Serra, na altura em que os monumentos foram construídos. Tal construção teria implicado a prévia limpeza dessa vegetação por meio do fogo. Por outro lado, a ocorrência de teores consideráveis de fosfato nesses sedimentos, desco-

---

<sup>4</sup> O assunto será extensamente abordado por Susana O. Jorge na sua dissertação de doutoramento sobre os povoados calcolíticos do N. de Portugal.

<sup>5</sup> Informação de J.-L. Veraet, da Universidade de Montpellier.

berta pelas análises pedológicas <sup>6</sup>, nomeadamente na mamoa do Monte da Olheira e em Outeiro de Ante 1, vem em abono da hipótese dos «tumuli» terem sido erigidos em áreas que conheceram uma intensa ocupação humana em fases imediatamente anteriores à respectiva construção. Esta convivência espacial dos habitats e dos túmulos, geralmente admitida para o «mundo» megalítico, é corroborada na Aboboreira pela sistemática utilização, nas estruturas das mamoas, de elementos de moinhos manuais fragmentados, que, se afastarmos a hipótese remota de uma intencionalidade de «tipo ritual», só se pode explicar pela proximidade dos locais habitados. De facto, numa área onde abundam os elementos pétreos, o aproveitamento desses artefactos fora de uso só seria lógico se tais elementos se encontrassem disponíveis nas redondezas.

Os restos de solos cobertos pelos «tumuli» são, sem dúvida, ricos de ensinamentos potenciais, até porque revelaram, em alguns casos, vestígios de artefactos com relativa abundância (como na Mina do Simão ou em Chã de Santinhos 2) e, mesmo, lareiras estruturadas, presentes em Chã de Santinhos 1 e 2, e em Outeiro da Coroa 2 (Serrinha), por exemplo. É possível que tais lareiras, essas sim, tivessem um carácter ritual, isto a admitirmos que não estivessem em directa relação com o próprio acto da construção em termos puramente funcionais, o que, dadas as características, tão bem consevadas, de tais estruturas, nos parece menos provável. Trata-se de uma questão para a qual as próximas escavações não deixarão, estamos certos, de aduzir novos dados.

## 2. A tradição tumular durante o Bronze Inicial

Durante o Bronze Antigo (L<sup>a</sup> metade do II<sup>o</sup> milénio a.C) a tradição de construir mamoas nas proximidades das já existentes, megalíticas, persistiu. Trata-se de mais um exemplo da estabilidade dos cemitérios, cujos lugares de implantação eram sem dúvida sagrados e se encontravam ligados ao culto dos antepassados de certas linhagens. Este facto mostra-nos que, quaisquer que tenham sido as transformações operadas ao nível da hierarquização social e da exploração dos territórios, as comunidades que habitaram a região durante os inícios da I. do Bronze não cortaram com uma

---

<sup>6</sup> Realizadas pela equipa do Centro de Pedologia da Univ. de Lisboa, dirigida pelo Prof. Rui P. Ricardo.



longa tradição de destacar os túmulos na paisagem e quiseram colocar os seus mortos na companhia daqueles que os tinham antecedido, mais de um milénio antes. No entanto, o ritual funerário e os próprios tipos de estruturas relacionadas com este modificaram-se. Os monumentos mostram-nos uma maior individualização de tal ritual. Por um lado, esses monumentos são mais baixos, impõem-se menos no terreno, como se tivessem perdido o carácter de referências comunitárias das grandes mamoas megalíticas. Constroem-se «cairns» (isto é, «tumuli» apenas feitos com pedras) do tipo do de Meninas do Crasto 4 (datado de c. de 1.800 a.C.) ao qual, provavelmente, deveremos associar o de Outeiro de Gregos 1, uma estrutura complexa, que inclui um pavimento horizontal rodeando o «cairn» e envolvendo, na sua extremidade leste, uma possível construção dedicada ao culto. Por outro lado, surgem-nos vasos pertencentes à grande «família» dos recipientes lisos, tronco-cónicos ou aparentados, por vezes providos de mamilos, que são característicos do Noroeste peninsular. Mas, sobretudo, ocorrem as primeiras jóias metálicas, neste caso espirais em prata (2 exemplares, cada um descoberto num dos dois «tumuli» citados), que seriam atributos individuais de uma elite, símbolos do seu lugar de destaque na hierarquia social. É óbvio que estamos já numa época em que provavelmente as relações «comerciais» a distância seriam uma realidade, relacionadas com o controlo de mais vastos territórios e com uma economia capaz de produzir excedentes em quantidade significativa.

### **3. As primeiras sepulturas planas durante o Bronze Tardio**

E chegamos à segunda metade do II<sup>o</sup> milénio a.C, em que finalmente se rompe a tradição das «necrópoles megalíticas». O enterramento passa a ser «disfarçado» no terreno, desprovido de «tumulus» a assinalá-lo, e cada sepultura, aberta no saibro, destinase à inumação de um único indivíduo, acompanhado de uma só oferenda: um vaso, por vezes, sem dúvida, um objecto particularmente apreciado pelas suas características estéticas. Referimo-nos à importante necrópole do Tapado da Caldeira, onde Susana O. Jorge escavou 4 sepulturas, uma das quais revelou um vaso com decoração excisa e de «boquique», único em Portugal. Entre essas sepulturas encontrava-se uma de menores dimensões, que continha um pequeno vaso, sugerindo tratar-se de um enterra-

mento infantil, e permitindo supor que, nesta época, o estatuto social se transmitiria já aos descendentes, isto é, que uma eventual elite social se reproduziria sob forma hereditária. Trata-se, como é óbvio, de mera hipótese. Significativo talvez é que, entre o espólio, não surja um único objecto metálico; será que o prestígio de tal presumível elite já se encontraria perfeitamente consolidado, não necessitando, para se afirmar, de se simbolizar através de armas (e, muito menos, de se demarcar no terreno) ?. Esta necrópole, a única com tais características escavada no Norte de Portugal, poderia ter pertencido a um grupo familiar, e situa-se na periferia do «plateau», longe portanto do tradicional espaço consagrado aos mortos. Do local do Tapado da Caldeira enxerga-se, ao longe, as montanhas e colinas que bordejam o vale do Douro, vale esse que pode ter tido um papel importante de ligação cultural com o interior da Meseta, de onde vieram, provavelmente, as «influências» da chamada «cultura de Cogotas I», bem patentes no citado vaso decorado da sepultura III. O interessante é que cada um dos recipientes revelados por esta necrópole (um em cada uma das sepulturas) apresenta uma feição estilística própria, parecendo entroncar aqui tradições locais, na linha dos vasos tronco-cónicos com asa, (sepultura II), com outras de âmbito mais geral, como a já citada de Cogotas I, e com uma terceira, evidenciada no vaso com carena alta da sepultura I, que evoca formas de recipientes que se generalizam na Península numa fase adiantada da Idade do Bronze.

#### 4. Os povoados da Idade do Bronze

A periferia da Serra da Aboboreira vai conhecer, durante a Idade do Bronze, e muito provavelmente durante uma fase avançada desta, que culmina no Bronze Final (por volta do séc. VIII a.C), uma ocupação sedentária intensa, manifestada através de povoados providos de fossas ovóides, abertas no saibro, que consideramos como prováveis silos para o armazenamento de cereais (embora, após o seu abandono para tal função, possam ter servido de «lixéiras», por ex.).

O mais expressivo desses povoados, quer pela área que ocupa, quer pela riqueza de cerâmicas decoradas que revelou, é o da Bouça do Frade, estudado por Susana O. Jorge nas imediações do Tapado da Caldeira. Além de dezenas de fossas ovóides, do tipo já referido, nele foram encontradas lareiras, buracos de poste, enfim, estrutu-

ras diversas relacionadas com uma ocupação algo prolongada, que se estende ao longo de uma encosta cujo topo oferecia condições de excepcional visibilidade para o vale de um ribeiro tributário do Ovil. Cerâmicas excisas, de «boquique», e de tipo «Baiões», definem aqui um contexto do Bronze Final, ao qual não faltam, mesmo, grandes vasos de provisões, um dos quais encontrado intacto, e decorado com cordões embutidos e pequenas pegas. Nas imediações deste povoado, no Alto da Caldeira, um outro habitat, ainda em fase de estudo, ocupa um ponto elevado, talvez ligado a preocupações de defesa, e quiçá ligeiramente mais tardio. Preocupações evidentes de defesa manifestam-se na implantação de uma outra estação do Bronze Final, com cerâmicas de tipo Alpiarça e de tipo Baiões, localizada no topo do Castelo de Matos, sob a fortificação medieval do mesmo nome, já na margem oposta do Ovil.

O panorama dos povoados da Pré-história recente completa-se com os habitais da Lavra e do Monte Calvo. O primeiro, cuja cronologia exacta ainda está por definir, apresenta diversas fossas abertas no saibro, entre as quais grandes estruturas de planta circular, pouco profundas, que mostram sinais de combustão prolongada, e podem ter servido como fornos. A escavação desta estação, ainda em curso sob a direcção de M.<sup>a</sup> de Jesus Sanches, revelou fragmentos de peças metálicas, infelizmente raras na região em estudo. Quanto ao pequeno povoado do Monte Calvo, analisado por Huet B. Gonçalves, além de diversos «silos» do tipo dos da Bouça do Frade, mostrou uma predominância de cerâmicas lisas, muito fragmentadas; no entanto, entre os recipientes encontravam-se vasos de grandes dimensões, decorados com cordões e «medalhões» aplicados na pança, que constituem uma modalidade de ornamentação plástica frequente em estações da Idade do Bronze evolucionada da Península, nomeadamente da Meseta. Trata-se, decerto, de vasos de provisões. Apesar de ocupar uma pequena área, e de não dispor ainda de qualquer datação pelo C14, a estação do Monte Calvo integra-se assim, indubitavelmente, no povoamento pré-histórico recente da bacia do Ovil, onde se pode ter verificado, nesta fase, uma real diversificação de habitats, uns ocupados durante mais tempo do que outros, e até com eventuais relações de hierarquia entre si.

Fossas ovóides, para já isoladas, escavadas noutros pontos da periferia da Aboboreira (Vale de Quintela, Curro de S. João de

Ovil) poderão também estar relacionadas com habitats do mesmo tipo, embora não devamos evidentemente afastar a hipótese de poderem ter servido como sepulturas, quer originalmente, quer na sequência do seu abandono para outros fins mais práticos.

Em geral, os locais mencionados parecem revelar uma cada vez mais intensa ocupação agrícola dos vales férteis, associada a uma estabilização do habitat, incremento de excedentes, aumento de relações culturais a distância e das preocupações de defesa, preocupações essas decerto associadas à necessidade de defender as melhores terras agrícolas, que exigiam a aplicação de um maior esforço produtivo, com a consequente rentabilização a prazo.

### 5. O «tesouro» de Baião

De proveniência exacta desconhecida, existem no Museu Nacional de Arqueologia várias jóias em ouro, de estilo orientalizante, conhecidas como «o tesouro de Baião»; encontram-se entre as principais peças da joalheria arcaica do território português. Trata-se de um colar, de uma possível gargantilha, de botões e de arrecadas; estas últimas têm uma decoração central em forma de palmeta, bordejada por um crescente liso de onde irradiam, a toda a volta, pequenos apêndices em forma de TT. Estamos perante peças atribuíveis à Idade do Ferro antiga <sup>7</sup>. Infelizmente, esta época (como toda a Idade do Ferro) está praticamente por estudar na nossa região, apesar de, aqui, se conhecerem variados castros, cuja investigação se encontra neste momento em fase de arranque.

### 6. Os castros e a ocupação romana

Na orla da Serra da Aboboreira, como também, para Sudeste, na do «plateau» de Chã das Arcas — Castelo — Água Férrea, são conhecidos diversos castros, como os de Santiago, Castro, Cruito, Fiéis de Deus, Castelo, Monte Mantel, etc. Sobre a maior parte deles apenas dispomos de informações sumárias, uma vez que só o do Cruito está sendo objecto de escavações científicas, por parte de António S. Pereira e Celsa M. González. Estes arqueólogos analisaram, até ao momento, uma zona situada na parte mais alta do

7, Cf. *Tesouros da Arqueologia Portuguesa*, catálogo da exposição org. pelo Museu Nac. de Arqueol. e Etnol., Lisboa, 1980 (textos de C.V. Pinto e R. Parreira), p. 15.

monte em que o castro se implanta, a qual inclui duas estruturas (uma rectangular de cantos arredondados, e outra circular) e a entrada Sul da muralha superior. A maior parte da cerâmica pertence ao grupo habitualmente designado «castrejo», destacando-se grandes talhas, recipientes de cozinha com sinais de terem ido ao lume, etc.; entre a cerâmica comum romana são de mencionar alguns fragmentos de ânforas. Apareceram também duas fíbulas de bronze e vários materiais em ferro, bem como vestígios de escória proveniente da fundição deste último metal; moinhos circulares e algumas contas de colar completam, por ora, os principais achados, que no seu conjunto parecem poder atribuir-se ao séc. I da nossa era, ou seja, portanto, já uma fase recente do «mundo» castrejo.

De outros povoados do mesmo tipo apenas temos dados esparsos, como por exemplo a referência a vestígios de muralhas em alguns deles, e a achados, por vezes abundantes, de cerâmica. É evidente que, em certos casos pelo menos, a sua ocupação pertence a várias épocas, incluindo a Idade Média. Nas imediações do castro de Santiago (Marco de Canaveses) existe um forno de cozer cerâmica, provavelmente romano, ainda relativamente bem conservado. No de Fiéis de Deus foi detectada uma fibula de tipo ómega; no de Mantel, que possuiria várias ordens de muralhas, recolheram-se mós, cerâmica e escória de ferro. Embora fora da nossa área de estudo preferencial, são ainda de citar, no concelho de Baião, e na zona contígua ou próxima do Douro, os castros de Porto Manso (junto à foz do Ovil), de Santa Marinha do Zêzere, e de Frende. Estas duas últimas estações são de grande importância. Da primeira provêm um «berrão», uma estatueta, e uma pedra decorada, provavelmente correspondendo a uma ombreira de porta, de um período «castrejo» recente <sup>8</sup>, ainda inédita; o morro do Castelo, de Frende, revelou cerâmica tardo-romana e, integrados na capela de S. João, três blocos de granito decorados com relevos, igualmente de época tardo-romana, e pertencentes a uma construção de carácter cultural (templo ou mausoléu) <sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> Peça recolhida para o Museu de Baião por António S. Pereira e Celsa M. González. A estes investigadores devemos várias informações utilizadas nesta alínea.

<sup>9</sup> Sobre este e outros aspectos da arqueologia pós-pré-histórica do concelho de Baião, v. Mário Barroca, Notas sobre a ocupação medieval em Baião, *Arqueologia*, 10, Dez. 1984 (indica a bibliografia pertinente).

«A distribuição geográfica dos vestígios romanos em Baião — escreve M. Barroca<sup>10</sup> — indica-nos uma clara concentração na vertente para o Douro, enquanto que em termos cronológicos aponta para uma intensificação do povoamento nos finais do Império. Efectivamente parece que os mais importantes esforços da romanização desta área coincidiram com os finais do Império, numa época em que o Cristianismo ia também dando os seus primeiros passos no Noroeste peninsular. Estes dados podem corroborar a teoria, defendida por alguns autores, de que a romanização da bacia do Douro estaria, nestas zonas, sobretudo relacionada com a produção de vinho e azeite. Por outro lado testemunham-nos uma continuidade do povoamento castrejo, com uma acentuada intensificação por volta dos finais do séc. III e século IV, e uma mudança do tipo de paisagem humanizada, com uma opção já não voltada para os povoados fortificados, mas muito mais condizente com o povoamento que hoje conhecemos na área. O povoamento castrejo estava igualmente concentrado nas vertentes para o Douro, embora implantado em cabeços de média altitude. Por contraste com o povoamento pré-histórico, concentrado nas zonas planálticas mais interiores, marca já uma clara mudança de opções que, em épocas posteriores, se irá consolidar ainda mais». De notar, porém, que a área meridional do concelho de Baião se não encontra ainda devidamente estudada do ponto de vista pré-histórico, havendo mamoaas, embora esparsas, a cotas relativamente baixas (c. de 550 m. na chã do Loureiro e em Valadares); a propósito, site-se a ocorrência de um machado polido no castro do Castelo (ou de Agrelos).

Outros achados romanos da região são as aras dedicadas a Júpiter de Carvalho de Rei e de Santa Leocádia, os vasos provenientes de uma necrópole situada no local da Giesta (Ovil), uma lápide epigrafada, de teor funerário, encontrada em S. João de Ovil, e o marco miliário da Carreirinha (entre Mesquinhata e Gove), relacionado com a via que vinha do Freixo (importante localidade romana em curso de escavação por Lino Dias) e atingia o Douro em Porto Antigo, da qual, aliás, ainda restam vestígios.

Exteriores embora à área do projecto, e ainda no concelho de Baião, são conhecidas estações bastante significativas, como as necrópoles de Bairral (Sta Leocádia de Baião, constituída por dez

---

<sup>10</sup> *Op. cit.* na nota anterior, pp. 118-119.

sepulturas de inumação, com espólio datado da 2.<sup>a</sup> metade do séc. III/séc. IV, e dos sécs. IV/V, entre o qual peças de vidro e de sigilata clara), a da Quinta de Guimarães (Sta Marinha do Zêzere, com cinco sepulturas de inumação), e a da Igreja Velha de Ermelo (também tardo-romana, com quatro sepulturas). É ainda de citar o aparecimento constante (embora conhecido apenas por referências do séc. XIX), na Quinta de Mosteiro, junto ao Douro, de abundante material romano (incluindo moedas, cerâmica vária, e uma ara dedicada a Júpiter), além de prováveis estruturas de construções. Infelizmente nunca foi feito um estudo sistemático desta estação, cujo espólio antigo se terá, pelo menos em grande parte, perdido. É evidente que o período romano na região precisa de ser objecto de uma investigação sistemática, no âmbito do projecto do Campo.

### 7. A época medieval

Concluimos esta rápida panorâmica com algumas notas sobre o período medieval.

À Alta Idade Média podem atribuir-se duas estações que se situam fora da nossa área de estudo imediato, aliás já anteriormente referidas: Frende, de onde provém uma tampa de sepultura paleocristã decorada com mosaico, datada do séc. V, e o Castro de Santa Marinha do Zêzere, que com muita probabilidade forneceu uma placa de cinturão visigótica, situada por M. Barroca no séc. VII<sup>n</sup>. Frende foi objecto de escavações científicas anteriores ao início do nosso projecto, em 1973, por CA. Ferreira de Almeida, cujos trabalhos revelaram a existência, na área da capela de S. João, de tumulações de várias épocas e de alicerces de uma estrutura considerada altimedieval.

Quanto à fase da Reconquista, ligam-se-lhe várias sepulturas abertas em rochedos, como as da Carvalha de Belandre (nas imediações de Carvalho de Rei, na zona norte da Aboboreira), do Caixão de S. Francisco (próximo da Lavra, já no concelho do Marco) ou da Igreja de Valadares. A opinião de M. Barroca (op. cit., p. 122) é a de que a presença destas necrópoles pode documentar a antiga existência de povoados nas suas proximidades, embora com a ressalva de que tal contiguidade poderia não se ter verificado em todos os casos.

— 11 *Op. cit.* na nota 9 *supra*, p. 121.

A criação da Terra de Baião, no período de passagem da Alta para a Baixa Idade Média, está indissolivelmente ligada ao local do Castelo de Matos, actualmente em curso de escavação sob a responsabilidade de Francisco Queiroga, coadjuvado por Isabel Figueiral. A estação, situada num ponto topograficamente dominante em relação a toda a região (avistando-se de zonas tão distantes como a Serra do Marão ou as encostas da margem sul do Douro, no concelho de Cinfães, por ex.), teve, segundo aqueles arqueólogos, uma importante ocupação durante a Idade Média, documentada para a 2.<sup>a</sup> metade do séc. XI, e foi tenência da família de Baião, uma das principais casas nobres ligadas ao período da formação da nacionalidade portuguesa. Trata-se de uma construção de planta angular, com zonas habitacionais no seu interior, e uma forja de ferro. Entre o espólio destacam-se abundantes pontas de lança e de virotes, constituindo uma colecção significativa no contexto de achados metálicos desta época. Erguido no alto de uma elevação cónica, e aproveitando os penedos graníticos como parte do seu sistema de defesa, o castelo de Matos era decerto um ponto propício à observação de toda a região, nele estando talvez sediada uma pequena guarnição, dependente do senhor, que viveria num paço provavelmente situado em área mais abrigada, próxima do vale<sup>12</sup>.

Estamos já numa época em que a abundante documentação escrita, completada pelos dados da Arqueologia, poderá futuramente fornecer uma imagem relativamente segura do que seria a vida social e económica das populações que habitaram o vale do Ovil e seus «plateaux» adjacentes. Muito há porém ainda que investigar neste domínio. Entretanto, aqui e ali, a observação do terreno e certos testemunhos materiais permitem ir apontando algumas «balizas». Estão nesse caso as vias medievais, uma das quais cruzaria a própria Serra da Aboboreira, ligando Mesão Frio a Marco de Canaveses; uma estrutura existente perto da quinta da Abogalheira, também na Serra, e mostrando uma série de arcos quebrados que fariam parte do sistema de cobertura (fonte?); uma esteia discóide, proveniente de Outoreça (na base da elevação em que se ergue o Castelo de Matos), atribuída por M. Barroca (op. cit., p, 127) ao séc. XIII, se não a época ligeiramente posterior, etc.

---

<sup>12</sup> V. F. Queiroga, Escavações arqueológicas em Castelo de Matos—notícia preliminar, *Arqueologia*, 9, Junho 1984.



É-nos impossível citar, aqui, todos os vestígios monumentais que ocorrem na periferia dos «plateaux» e áreas adjacentes em que, até agora, se tem concentrado o nosso esforço de prospecção e de escavação. Entre eles encontram-se algumas igrejas e conventos que, antes de mais, urge proteger e valorizar. Por isso o Campo Arqueológico irá continuar, procurando articular os trabalhos de escavação com as prospecções conducentes à carta arqueológica do Concelho de Baião( a qual se complementarás com as que estão sendo elaboradas, por outras equipas, para os concelhos limítrofes) e com um esforço no sentido da protecção e restauro de monumentos. Assim procuraremos dar o nosso contributo para a reconstituição do longo «diálogo» do homem com a terra nesta parcela do velho Entre-Douro-e-Minho. Diálogo que, antes da introdução do milho, teria como principais intermediários a agricultura (do trigo, da vinha, do centeio e do linho), a pastorícia (aproveitando os terrenos mais pobres dos «montes») e, até certo ponto, a pesca (lampreias do Douro, trutas do Ovil, etc). Um panorama, apesar de tudo, não muito diferente, no essencial, daquele que é ainda o actual, em muitas áreas da região. Afinal, é a nossa paixão por essa paisagem e pelas suas gentes que tem constituído a motivação última para tentarmos desvendar o «segredo» das suas remotas origens<sup>13</sup>: ou seja, para recuperarmos uma memória perdida e a devolvermos aos seus mais naturais depositários — os que continuam a trabalhar a mesma terra que os homens do Neolítico e da I. do Bronze desbravaram.

---

<sup>13</sup> O presente trabalho não teria sido possível sem a colaboração de todos os investigadores até hoje envolvidos em escavações que de algum modo contribuíram para o projecto da Aboboreira: Susana Oliveira Jorge, António Huet Bacelar Gonçalves, Domingos de Jesus da Cruz, Eduardo Jorge Lopes da Silva, AnaLeite da Cunha, Maria de Jesus Sanches, Francisco Queiroga, Fernando Augusto Silva, Isabel Figueiral, Margarida Moreira, António da Silva Pereira, Celsa Magalhães Gonzalez, Maria da Luz Oliveira, Raquel Vilaça. Não tendo podido citar individualmente os diversos trabalhos e outros contributos em que nos baseámos, gostaríamos de lhes deixar aqui expresso o nosso reconhecimento pelo seu labor, bem como a todos os outros especialistas que nos têm proporcionado a sua preciosa colaboração.

Alguns dos dados constantes do mapa que ilustra este trabalho resultaram de prospecções realizadas de parceria com Domingos Cruz, que prepara, para próxima publicação, um estudo exaustivo sobre todas as estações arqueológicas até hoje detectadas na Aboboreira. Desejamos manifestar aqui quão útil tem sido a sempre franca colaboração que este investigador nos tem prestado.

## CAMPO ARQUEOLÓGICO DA SERRA DA ABOBOREIRA

No canto sup. direito: localização da área na província do Douro Litoral.

*Símbolos utilizados* (v. quadro do canto sup. esq.);

- 1 — mamoa(s) (1 a 3)
- 2 — mamoa(s) (mais de 3)
- 3 — sepultura pré-histórica sob penedos (Coriscadas)
- 4 — povoados pré-históricos (I. do Bronze)
- 5 — fossas ovóides abertas no saibro (vestígios de povoados?)
- 6 — sepulturas pré-históricas abertas no saibro, sem «tumulus» (Tapado da Caldeira)
- 7 — gravuras rupestres (covichas)
- 8 — castros
- 9 — marco miliário romano com epígrafe (Carreirinha)
- 10 — outras epígrafes romanas
- 11 — necrópole romana (Giesta)
- 12 — estrutura medieval (fonte?) (Abogalheira)
- 13 — castelo medieval (Matos)
- 14 — cabeceira de sepultura medieval (Outoreça)
- 15 — sepulturas medievais abertas na rocha.

*Estações (ou outros testemunhos) numerados no mapa:*

— MAMOAS

1 — Perredendo; 2 — Furnas; 3 — Meninas do Crasto 3 e 4; 4 — Chã de Parada; 5 — Touta; 6 — Meninas do Crasto 2; 7 — Monte da Olheira; 8 — Mina do Simão; 9 — Cabras; 10 — Cabritos; 11 — Igrejinhas; 12 — Abogalheira; 13 — Outeiro de Ante; 14 — Outeiro de Gregos; 15 — Chã de Santinhos; 16 — Outeiro da Coroa; 17 — Lavra; 18 — Cruz de Ferro; 19 — Monte Maninho; 20 — Chã do Loureiro; 21 — Chã das Arcas; 22 — Castelo de Matos; 23 — Valadares.

— POVOADOS PRÉ-HISTÓRICOS (I. do Bronze)

1 — Monte Calvo; 2 — Bouça do Frade; 3 — Alto da Caldeira; 4 — Lavra; 5 — Castelo de Matos.

— FOSSAS OVÓIDES ABERTAS NO SAIBRO

1 — Vale de Quintela; 2 — Curro de S. João de Ovil.

— GRAVURAS RUPESTRES (covichas)

1 — Pedra-Que-Bole; 2 — Alto das Lapas; 3 — Abogalheira.

— CASTROS

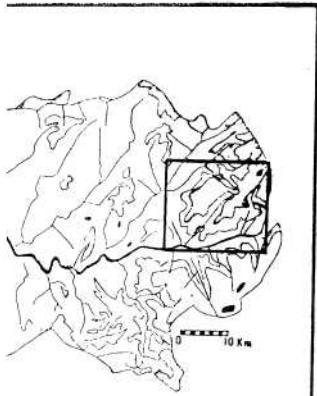
1 — Santiago; 2 — Crasto; 3 — Cruito; 4 — Fiéis de Deus; 5 — Castelo; 6 — Mantel.

— EPÍGRAFES ROMANAS

1 — Ara de Carvalho de Rei; 2 — Lápide funerária de S. João de Ovil.

— SEPULTURAS MEDIEVAIS ABERTAS NA ROCHA

1 — Carvalha de Belandre; 2 — Caixão de S. Francisco; 3 — Igreja de Valadares.



**LA ABOBOREIRA**

